

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

DISCURSOS MEDIÁTICOS E ALTERIDADE

Ana Cristina Pereira, Gaia Giuliani, Rita Santos, Sílvia Roque

A redução drástica da interação social gerada pela atual pandemia de COVID-19 reforçou o papel crucial da comunicação social na interpretação e produção de realidades, palco de disputa de narrativas de teor sanitário, punitivo e securitário, entre outras. Alguns *media* destacaram-se na facilitação de acesso a informação sobre a pandemia e na comunicação de riscos em saúde, sublinhando alguns dos grupos sociais mais vulneráveis à exposição ao vírus, quer pelo seu perfil de saúde, quer pela sua ocupação profissional, quer pela fragilidade socioeconómica a que já estavam sujeitos antes da pandemia. Todavia, alguns participaram – ainda que de forma bem-intencionada – na (re)produção da narrativa de que “estamos todos no mesmo barco”, negligenciando as diferenças socioeconómicas, raciais, etárias, de género e de estado de saúde, etc., preexistentes e agravadas neste cenário. Além disso, veicularam representações que situavam a origem e a disseminação do vírus em pessoas estrangeiras ou consideradas como tal: turistas, imigrantes, refugiadas, negras e ciganas.

Através dos *media* e sobretudo nas redes sociais, veiculou-se um retrato dos chineses como sendo os responsáveis pelo surgimento do vírus, e dos países do sul da Europa, em particular Itália e Espanha, como sendo os disseminadores do mesmo à escala global. A sugestão de que os africanos seriam mais resistentes à COVID-19 a par com a representação de imigrantes, refugiados e pessoas ciganas como focos particulares de contaminação têm vindo a normalizar narrativas mediáticas e políticas de teor racista e xenófobo, apoiando a ativação de medidas securitárias e punitivas em relação a certos grupos.

Em alternativa, devem ser promovidos discursos e práticas de solidariedade, que contemplem:

- Desenvolver e efetivar códigos de conduta dos *media* no que diz respeito à representação de grupos marginalizados e vulnerabilizados;
- Visibilizar grupos especialmente vulneráveis à pandemia, que no caso das pessoas racializadas e em situação de pobreza são as mais expostas à crise económica e à negação de direitos, e ter o cuidado de deixar claro o seu ponto de vista. Ter em especial consideração as pessoas que se encontram em posição ainda mais vulnerável ou expostas por causa do género, identidade, sexualidade, tipo de trabalho, etc.
- Apoiar iniciativas de luta por direitos e de resposta à pandemia (satisfação de necessidades básicas, apoio ao acesso a informação sobre direitos laborais, sociais, de saúde e de combate ao racismo e xenofobia) organizadas por pessoas migrantes, refugiadas e racializadas;
- Promover parcerias entre órgãos de comunicação social *mainstream*, coletivos, alternativos e outros meios/formas de comunicação, de modo a dar visibilidade aos problemas que enfrentam as pessoas migrantes, refugiadas e racializadas, entre outras, e implementar estratégias de combate a essas dificuldades;
- Promover o aumento da representatividade de pessoas marginalizadas e vulnerabilizadas, nomeadamente pessoas racializadas, nos *media* e nas redações (em especial nas editoriais e noutros cargos de decisão).